

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 39-47

JAZIDA PALEOLÍTICA DE VARGE MARINHO (SINTRA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Georges Zbyszewski⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

No âmbito da revisão sistemática das colecções de materiais paleolíticos das jazidas dos arredores de Lisboa, pertencentes ao Museu do Instituto Geológico e Mineiro, localizámos pequeno conjunto com indicação de ter sido recolhido na zona de Varge Marinho, topónimo assinalado na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha n.º 430, Oeiras, edição de 1970) como “Casal de Vaz Marinho”, cerca de 800 m a Oeste da extrema mais setentrional do Concelho de Oeiras já pertencente ao concelho de Sintra. É provável que se trate de corruptela do antropónimo “Vaz Meirinho” .

Trata-se de materiais de sílex e de quartzito num total de quinze exemplares, cujo bom recorte tipológico sugere terem sido resultado de colheitas seleccionadas. Não representam, pois, a totalidade da utensilagem potencialmente disponível no terreno. Porém, a sua caracterização vem alargar o número das jazidas recentemente revistas da região (CARDOSO *et al.*, 1992), constituindo uma das ocorrências mais ocidentais do conjunto paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa (Figs. 1 e 2), entidade com características próprias, como naquele estudo tivermos oportunidade de verificar e demonstrar. Por tal motivo nos decidimos à preparação da presente nota.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Academia das Ciências de Lisboa e Instituto Geológico e Mineiro.*

As peças em causa foram recolhidas outrora pelo Professor Joaquim Fontes, que ao Paleolítico dos arredores de Lisboa dedicou vários estudos pioneiros (FONTES, 1910; 1912 a,b,c; 1913; 1918). O principal labor deste arqueólogo centra-se entre 1910, logo a seguir à sua importante descoberta do Casal do Monte, a primeira das estações paleolíticas que viriam depois a ser localizadas nesta região, e o final da segunda década do século. É, pois, lícito, admitir que as recolhas em Varge Marinho tenham sido efectuadas nessa época. De facto, A. do Paço apresenta em 1932 um primeiro inventário das estações paleolíticas dos arredores de Lisboa, atribuindo a Varge Marinho, grafada como “Varge Meirinho”, o número 129 (PAÇO, 1932). O mesmo autor apresenta, mais tarde, revisão daquele inventário (PAÇO, 1940), fazendo corresponder a Varge Marinho o número 83.

Do ponto de vista geomorfológico trata-se de terrenos com ondulação suave, propícios à circulação de grupos de caçadores, contrastando com os relevos mais ásperos dos calcários cretácicos envolventes. Este facto, e também as boas condições de tais terrenos em reterem água perto da superfície, favorecendo desta forma a presença de caça – incluindo grandes mamíferos – constituíram razões determinantes para a abundância de indústrias paleolíticas nesta vasta unidade geológica, que, da região de Oeiras, contornando a capital, atinge a zona de Loures. Foram, pois, razões ecológicas que determinaram a preferência do homem do Paleolítico inferior e médio por tais zonas, então provavelmente ocupadas por savana.

2 – DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Seguiu-se a metodologia adoptada em trabalhos anteriores, privilegiando a tipologia e a pátina superficial das peças na respectiva seriação cronológico-industrial. Tal procedimento não é isento de limitações, como tivemos, por diversas vezes, oportunidade de salientar (ver crítica em ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978; CARDOSO *et al.*, 1992). Em particular, torna-se desaconselhado em casos que correspondem a conjuntos numericamente limitados, como acontece em Varge Marinho. Com efeito, “um número reduzido de peças, por hipótese inferior a 100, não confere representatividade à constituição de séries com base na patina. Os casos particulares que assumiriam demasiada influência (em conjuntos pequenos) diluem-se, quando integrados em grandes números” (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 31).

Em consequência, não poderíamos dar demasiada importância às séries que, eventualmente, viessem a ser definidas no caso em apreço, conferindo-lhes tão somente, o significado de orientação geral, na organização da utensilagem em termos diacrónicos.

Tendo presentes tais considerações, o pequeno conjunto em apreço foi organizado e descrito privilegiando os aspectos tipológicos respectivos.

2.1 – Raspadores

2.1.1 – Raspadores duplos convexos

– Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação e vestígios de pequenos retoques nos bordos. Anverso com aresta longitudinal central, côncava do lado esquerdo. Bordos laterais com pequenos retoques em raspadores duplos convexos. Extremidade superior retocada, com pequena ponta triangular afiada e extremidade inferior triangular, arredondada, também com retoques.

Dimensões: 53 mm x 32 mm x 14 mm (Fig. 3, n.º 6)

– Uma lasca de quartzito. Reverso com alguns pequenos retoques em raspador convexo no bordo lateral direito. Bordo lateral esquerdo com retoques em raspador convexo, relativamente achatado, com largo negativo de lasca na parte central. Anverso com base plana; vestígios de superfície primitiva, inclinada para a esquerda na parte inferior e vestígios de pequeno bolbo de percussão na sua parte central. Bordos com pequenos retoques em raspadores convexos. Extremidade superior em ponta triangular ogival.

Dimensões: 62 mm x 45 mm x 18 mm (Fig. 3, n.º 7)

2.1.2 – Raspadores duplos convexo-côncavos

– Uma lasca alongada de quartzito, com reverso de plano de separação. Base afeiçoada em raspadeira convexa com ponta triangular no bordo direito e com 2 pequenos bolbos gêmeos. Anverso com aresta longitudinal central. Secção transversal sub-triangular. Bordo esquerdo com alguns retoques em raspador côncavo e bordo direito com metade inferior convexa e metade superior convexo-côncava. Extremidade superior com pequenos retoques em raspadeira convexa com vestígios de superfície primitiva do lado direito. Base espessa, ligeiramente inclinada para a direita.

Dimensões: 57 mm x 41 mm x 19 mm.

– Uma lasca subblosangular, espessa, de sílex acastanhado. Reverso de plano de clivagem. Anverso fortemente convexo, com aresta longitudinal central, irregular. Bordo lateral direito retocado em raspador convexo na metade superior e em raspador côncavo na metade inferior. Bordo esquerdo com metade inferior em raspador

convexo e metade superior com forte concavidade. Extremidade superior em ponta afiada, fortemente encurvada para a esquerda.

Dimensões: 57 mm x 38 mm x 25 mm.

– Uma lasca achatada de sílex esbranquiçado-acastanhado. Reverso subrectangular de plano de separação com vestígios de pequenos retoques nos bordos. Uma das extremidades é afeiçãoada em pequeno raspador transversal convexo. Anverso com aresta longitudinal central. Secção transversal subtriangular achatada. Bordo superior em raspador transversal subrectilíneo. Bordo lateral direito com alguns retoques em raspador ligeiramente convexo. Bordo lateral esquerdo com retoques em raspador convexo na parte superior e côncavo na metade inferior.

Dimensões: 43 mm x 33 mm x 12 mm (Fig. 3, n.º 2).

2.1.3 – Raspadores duplos convergentes

– Uma lasca de sílex acastanhado com reverso de plano de separação. Bordos laterais com alguns retoques. Extremidade superior em ponta triangular. Anverso fortemente convexo na parte central, com aresta longitudinal irregular. Bordos laterais convexos em raspadores duplos convergentes. Extremidade superior em ponta triangular afiada. Base arredondada com retoques em raspadeira convexa.

Dimensões: 60 mm x 42 mm x 23 mm (Fig. 3, n.º 5).

– Uma pequena lasca de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com bolbo de percussão na base. Bordo lateral direito convexo, com vestígios de pequenos retoques. Bordo lateral esquerdo com forte saliência no terço inferior e com concavidade mais recente. Extremidade superior em ponta triangular afiada. Anverso com bordo esquerdo convexo, retocado e bordo direito subtriangular, com saliência na parte inferior. Base arredondada com vestígios de retoques irregulares. Extremidade superior em ponta triangular. O objecto tem a forma de raspador duplo convergente.

Dimensões: 37 mm x 34 mm x 14 mm.

– Uma lasca de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão facetado, na base. Bordo lateral direito convexo com pequenos retoques. Bordo esquerdo subtriangular, com alguns retoques na parte superior. Anverso de plano de separação côncavo. Bordo esquerdo retocado em raspador convexo e bordo direito com vestígios de retoques, sobretudo na metade inferior. Extremidade superior do objecto em forma de raspador duplo convergente com retoques na parte central.

Dimensões: 46 mm x 40 mm x 13 mm.

– Uma pequena lasca achatada de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo e de plano de percussão, retocado em pequena raspadeira na extremidade inferior. Anverso retocado em toda a periferia em raspador duplo convergente. Extremidade superior em ponta aburilada, entre duas pequenas concavidades.

Dimensões: 33 mm x 26 mm x 8 mm (Fig. 3, n.º 1).

2.1.4 – Raspadores duplos rectilíneos

– Uma lasca estreita e alongada de quartzito, aparentada às lâminas e de secção transversal subtriangular. Reverso de plano de separação, com bolbo e com plano de percussão de superfície primitiva na base, inclinada para a esquerda. Ligeiros retoques na extremidade superior. Anverso com aresta longitudinal central. Base inclinada para a direita. Bordos laterais retocados. Bordo esquerdo em raspador subrectilíneo. Bordo lateral direito com pequena concavidade na parte central. Extremidade superior formando pequeno gume transversal com faixa de superfície primitiva do lado direito.

Dimensões: 87 mm x 38 mm x 23 mm (Fig. 3, n.º 8).

2.2 – Raspadores simples

2.2.1 – Raspadores simples convexos

– Um fragmento nucleiforme espesso de sílex acastanhado, de forma triédrica. Uma das faces, com 3 ou 4 negativos de lascas, pouco inclinados, acompanha a outra face, muito espessa, subvertical. A terceira face, convexa, tem um dos bordos retocado em raspador simples denticulado, subrectilíneo, ligeiramente convexo.

Dimensões: 53 mm x 38 mm x 30 mm.

2.2.2 – Raspadores simples côncavos

– Um pequeno fragmento de sílex acinzentado com reverso plano. Anverso convexo com um dos bordos laterais afeiçãoado em raspador côncavo, entre duas pontas retocadas e com faixa de cortex acastanhado no bordo oposto.

Dimensões: 25 mm x 17 mm x 14 mm.

2.3 – Raspadeiras

– Uma lasca de sílex cinzento-acastanhado, retocada em raspadeira em ambas as faces. Anverso ligeiramente convexo com bordo lateral direito e extremidade supe-

rior afeiçoada em raspadeira convexa. Bordo esquerdo com ligeira fractura longitudinal, subvertical, alongada. Base com faixa de cortex castanho. Reverso aplanado com retoques nos bordos laterais e na extremidade superior, larga. Base mais estreita, com alguns pequenos retoques.

Dimensões: 40 mm x 30 mm x 13 mm.

– Uma lasca subrectangular espessa, de sílex castanho-avermelhado, com reverso de plano de separação. Anverso de secção transversal subtrapezoidal. Bordo esquerdo estreito e alongado com cortex. Parte central relativamente plana. Bordo lateral direito com retoques em raspador subrectilíneo, ligeiramente convexo na parte central. Bordo superior afeiçoado em raspadeira transversal convexa. Bordo inferior ligeiramente inclinado para a esquerda e com alguns retoques em raspadeira convexa.

Dimensões: 53 mm x 37 mm x 18 mm (Fig. 3, n.º 3).

2.4 – Percutores (grupo dos diversos)

– Um percutor de sílex acastanhado em forma de bola e com vestígios de muitas percussões. Esta peça pode ser mais recente.

Dimensões: 54 mm x 56 mm x 55 mm.

3 – CONCLUSÕES

O estudo tipológico do conjunto lítico de Varge Marinho permite afirmar que se trata de associação homogénea, atribuível ao Paleolítico médio (Mustierense). Com efeito, estão presentes artefactos em tudo idênticos aos que integram as mais características associações, representadas em terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa, mais a Oriente, na região da Amadora. Pela uniformidade industrial, é de referir como mais próxima a estação do Campo de Aviação da Amadora (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1985), onde também só se identificou um conjunto atribuível, tal como este, ao Mustierense.

Outro aspecto a salientar diz respeito à natureza da matéria-prima utilizada.

Em quinze peças, apenas duas são executadas em fragmentos de seixos de quartzo; todas as outras são de sílex. Esta observação é compatível com os resultados obtidos no estudo de conjunto sobre estas estações, já citado (CARDOSO *et al.*, 1992). Com efeito, enquanto na região de Oeiras, onde o Complexo Basáltico de Lisboa contacta com os afloramentos de calcários duros do Cenomariano, ricos em nódulos de sílex de onde se extraía a matéria-prima, a mais abundante na transformação em utensílios, na região da Amadora-Carnaxide aqueles afloramentos situa-

vam-se mais longe, justificando o recurso mais frequente a outras rochas, que não o sílex; enfim, na extremidade oriental da distribuição destas indústrias, já no concelho de Loures, a bordadura dos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa é ocupada por depósitos detríticos grosseiros (Complexo de Benfica), onde predominam os seixos de quartzo filoneano mal rolados. Justifica-se, assim, o grande declínio verificado no sílex, face à importância que adquirem as peças de quartzo. Estes factos ilustram, de forma expressiva, a importância determinante das características geológico-litológicas dos terrenos na natureza da matéria-prima utilizada nas diversas sub-regiões que constituem esta grande mancha paleolítica, que outrora se desenvolvia nos arredores da capital.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.
- FONTES, J. (1910) – Estação paleolítica do Casal do Monte. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 93-96.
- FONTES, J. (1912a) – Subsídios para o estudo do Paleolítico português. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 22-41.
- FONTES, J. (1912b) – Estação paleolítica do Casal da Serra. *Revista de História*, 8, p. 5-8.
- FONTES, J. (1912c) – Contribution à l'étude de la Période Paléolithique en Portugal. *Compte-Rendu 7ème Congrès Préhistorique de France* (Nîmes, 1911), p. 137-145.
- FONTES, J. (1913) – Note sur le Moustérien au Portugal. *Compte-Rendu 8ème Congrès Préhistorique de France* (Angoulême, 1912), p. 342-350.
- FONTES, J. (1918) – Instruments paléolithiques dans la collection de préhistoire du Service Géologique. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 12, p. 1-16.
- PAÇO, A. do (1932) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1 (1970), p. 121-143. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do Congresso do Mundo Português*, 1, p. 129-158.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1978) – As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do baixo Tejo. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 63, p. 547-609.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1985) – O paleolítico do antigo Campo de Aviação da Amadora. *Arqueologia*, 12, p. 56-70.



Fig. 1 – Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. Zona nuclear das estações (seg. OLLIVIER, 1951).

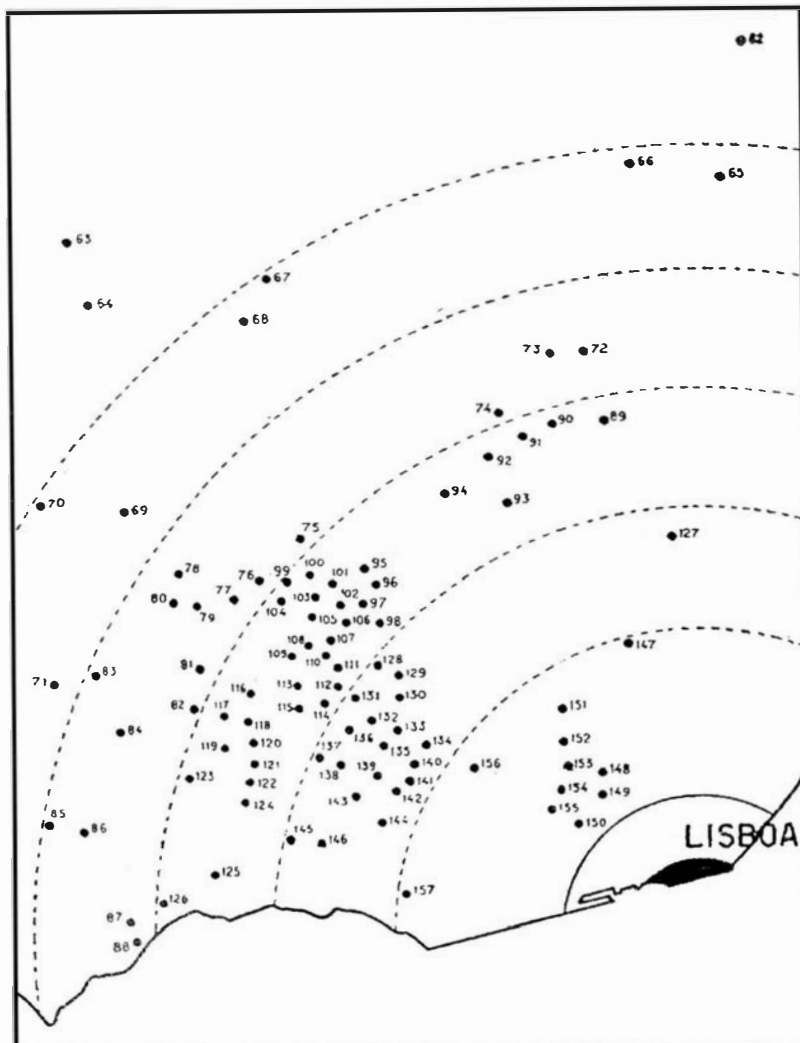


Fig. 2 – Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. Cartografia das estações. À de Varge Marinho corresponde o n.º 83 (seg. PAÇO, 1940).

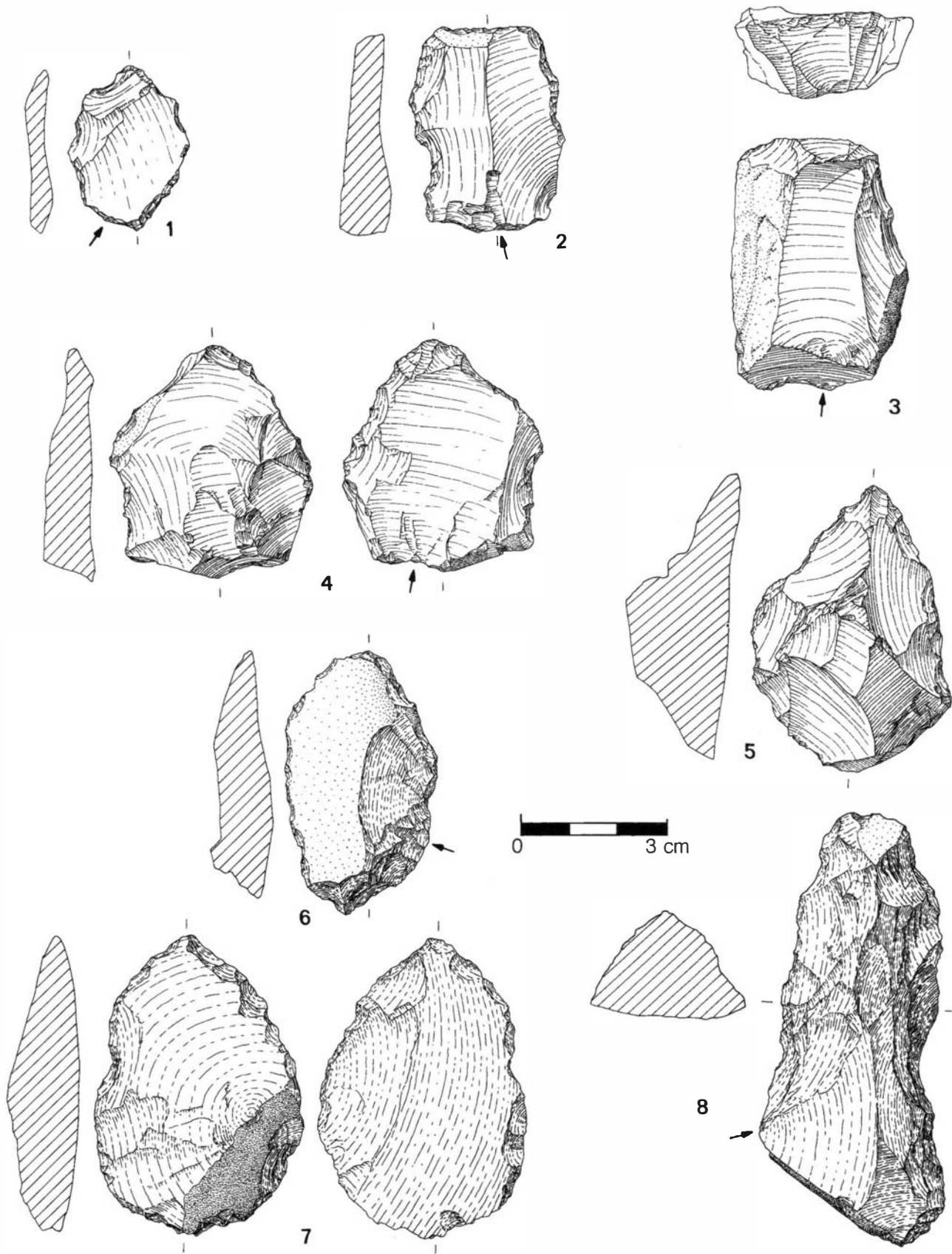


Fig. 3 – Artefactos mustierenses de Varge Marinho (Sintra).